

Poemas de

Arthur Döhler
Carlos Almeida
Carlos Arinto
Denis Leandro
Francisco Vidoedo
Vanessa Bastos

Seleção de

Carlos Reis
Eduardo Souto de Moura
Manuela Avezedo
Paula Rego

Ilustrações de

Arcangela Dicesare

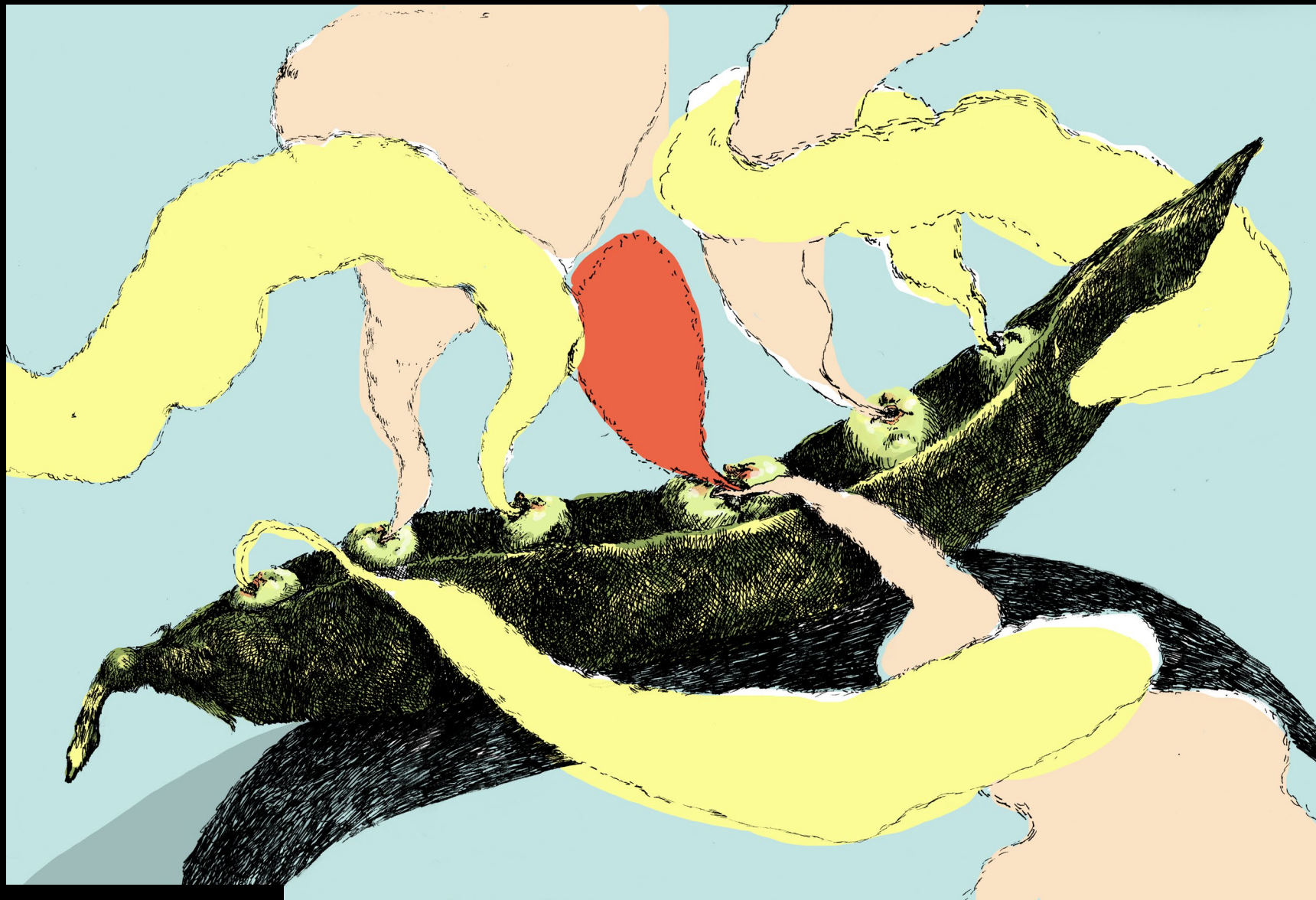
Edição de

Ângela Correia
Andresa Fresta Marques
Carlotta Defenu
Catarina Coelho
Flávia Pereira

Paginação de

Carlotta Defenu

Poetrónica



Índice

Apresentação

A escolha de Carlos Reis

Amor louco, de Vanessa Bastos

Escuras são as sobras da epidemia, de Carlos Almeida

Roda de samba, de Arthur Döhler

A escolha de Eduardo Souto de Moura

Os inúteis, de Carlos Arinto

A escolha de Manuela Avezedo

A dor de um poema, de Francisco Vidoedo

Desperdícios, de Denis Leandro

Poema triste, de Francisco Vidoedo

A escolha de Paula Rego

Andam faunos pelos bosques, de Carlos Almeida

Notas biográficas



Apresentação

A experiência de reconhecer, em poemas, o pensamento que nunca chegámos a formular, ou mesmo os acontecimentos que fortuitamente se repetem entre a humanidade, traz frequentemente à leitura um sentimento de identificação. Reconhecemo-nos; e a voz do outro torna-se a nossa. Pode ser esta a razão de uma escolha. Pode ser outra totalmente diferente, como a ponderação racional de qualidades estéticas e poéticas. Quando entregamos um ficheiro de poemas com qualidades, sem nomes de autor, a pessoas extraordinárias, cuja obra conhecemos, e elas nos devolvem uma seleção, é inevitável ficarmos a pensar nos caminhos que levaram à escolha. E também na medida em que podemos reconhecer o selecionador na seleção feita. Que será a mesma medida em que a voz do autor cede um pouco de espaço à voz do selecionador. É inevitável pensarmos nisto, quando a Pintora Paula Rego seleciona um poema de Carlos Almeida, inspirado na obra de Aquilino Ribeiro, sobre os faunos que andam pelos bosques, «bichos de aspeto chifrudo / corpos nus

desenfreados / de medos esfarrapados [...] das profundezas do tempo / entre a cruz e a paixão / no chão se tece a armadilha / novelo feito rodilha / num grito de violação». Conhecendo a obra de Paula Rego e tudo o que a pintora nos contou sobre ela, esta escolha assemelha-se à reivindicação de um pouco de espaço ao leme da autoria, por via da identificação. Não é nada disto, com certeza, apenas parece: um ato de amor nascido da identificação conducente à escolha, que parece, por isso, uma espécie de apropriação. Escolher pode ser isto, ou pode ser muito diferente disto.

O prazo para envio de poemas, candidatos a seleção para a *Poetrónica* n.º 3, terminou a 24 de março de 2020. Decorria já o tempo de estado de emergência e o confinamento em Portugal; o número de infeções por COVID-19 aumentava por todo o mundo. Paula Rego encontrava-se isolada, e foi necessário que alguém em Londres imprimisse o ficheiro com os poemas e lho levasse em mão. Devemos portando redobrados agradecimentos



à Pintora e às pessoas que a assistem, por não terem desistido da poesia portuguesa, em situação tão adversa.

Eduardo Souto de Moura projetou a Casa das Histórias, museu dedicado à obra de Paula Rego e Victor Willing. Não podemos dizer que a obra do Arquiteto nos ajude a justificar a escolha de um poema sobre a acumulação de inutilidades com e sem valor («Guardo coisas inúteis: / uma caneta de ouro / uma gargalhada / uma gravata / papelada»). E não podemos dizê-lo, porque Eduardo Souto de Moura nega à Arquitetura o estatuto de arte, pela importância da utilidade que deve norteá-la. Mesmo que dela possa libertar-se a caminho da arte. Mas precisamente esta opinião ajuda-nos a encontrar, não a obra, mas o Arquiteto, na sua escolha poética. Diz o poema de Carlos Arinto que a inutilidade das coisas guardadas termina na função; porque nelas está o que ficou de outro tempo e este é o resto que desfaz a inutilidade, ou desvia a utilidade da função para a emoção («E na inutilidade do amontoado / do que vai guardado / ficam memórias, angústias, saudades»).



Tal como Carlos Arinto, também Vanessa Bastos é repetente: foram ambos já escolhidos para a *Poetrónica* n.º 2, sempre em seleção anónima, recorde-se. Um poema do Carlos Arinto foi escolhido pela Pianista Maria João Pires para a *Poetrónica* n.º 2, e outro agora para a n.º 3 pelo Arquiteto Eduardo Souto de Moura. Dois poemas da Vanessa Bastos foram escolhidos para a *Poetrónica* n.º 2; um pelo Ensaísta Hélder Macedo; outro pelo Filósofo José Gil. Para a *Poetrónica* n.º 3, o Professor Carlos Reis selecionou outro poema da Vanessa Bastos. Estas múltiplas seleções confirmam a atenção com que devemos seguir o percurso destes poetas.

A escolha do Professor Carlos Reis revela sensibilidade a múltiplas tradições, memórias culturais, pontes lusófonas e o gosto pela exigência do tecido verbal. Adivinham-se velozes comparações mentais, em perspetiva histórica, no pecúlio poético resultante desta seleção, onde ecoam momentos de história literária. Como a tonalidade gótica atualizada em «Escuras são as sobras da epidemia», também de Carlos Almeida: «Do alto da torre da catedral de pedra e cal sustentam-se os

olhares impávidos / Das gárgulas de asas elevadas adivinhando o futuro».

Os poemas escolhidos pela Intérprete Manuela Azevedo parecem nada revelar sobre quem os escolheu, dada a diversidade formal que os desune. «Desperdícios», de Denis Leandro, concentra-se na observação em movimento do exterior («uma garça que, toda ela pernas e bicos, tentava fisgar o peixe na lagoa rasa»); «Poema triste», de Francisco Vidoedo, construído sobre uma acumulação de anáforas, paradoxos e metáforas, declara, em todo o seu excesso, a necessidade de libertação. Do mesmo autor, «A dor de um poema» é mais formalmente transparente do que os outros dois da seleção de Manuela Azevedo, mas, tal como eles, ocupa-se da angústia da criação poética. Embora aparentemente diversos, os três poemas manifestam a dor da perda criativa; a dor da perda dos poemas que se pensaram, que chegaram a ganhar o peso das promessas, que até se iniciaram mentalmente, mas nunca chegaram à forma escrita.



Antes de convidar à leitura da *Poetrónica* n.º 3, quero deixar os meus agradecimentos aos selecionadores deste número – Carlos Reis, Eduardo Souto de Moura, Manuela Azevedo e Paula Rego – pela generosidade com que aceitaram participar, e a sabedoria com que o fizeram.

Agradeço igualmente aos poetas participantes, incentivando todos os que não foram selecionados a participar nos próximos números, até por a seleção para este número ter sido especialmente exigente, pela quantidade e pela qualidade das candidaturas. Para os que foram selecionados, acrescento uma palavra de aplauso.

A Arcangela Dicesare, pelas belíssimas ilustrações, que tanto valorizam a *Poetrónica* n.º 3, deixamos o nosso mais grato reconhecimento.

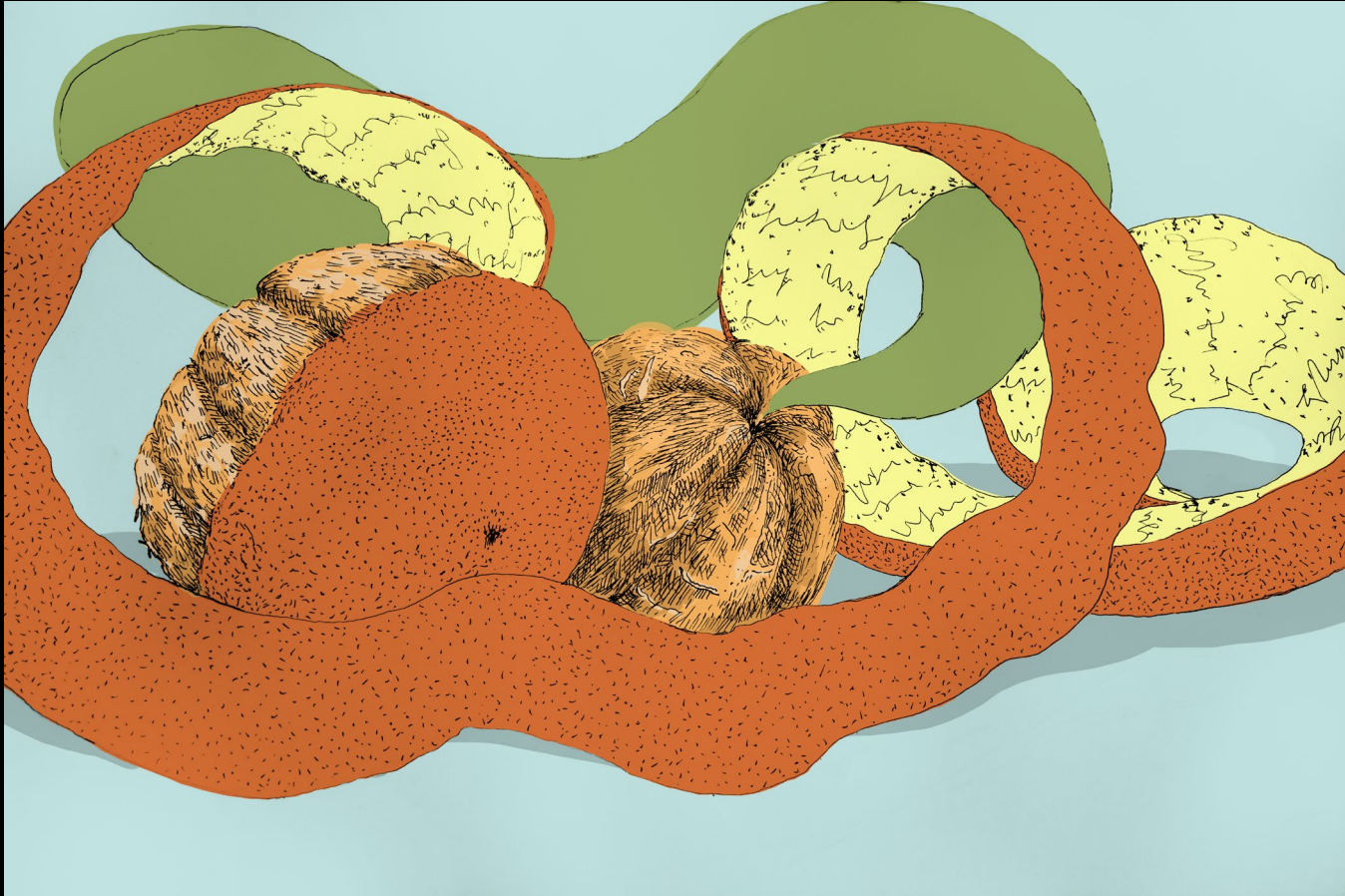
Às coeditoras deste número – Andresa Fresta Marques, Carlotta Defenu, Catarina Coelho e Flávia Pereira –, estudantes do seminário de Edição de Original, Mestrado em Crítica Textual,

na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, agradeço o empenho sem falhas neste projeto, e a competência de que a *Poetrónica* n.º 3 tanto beneficiou.

Ângela Correia



A escolha de Carlos Reis



Em entrevista, afirmou sobre o conceito de lusofonia: «Somos vários países divididos por um idioma comum».★

Carlos Reis nasceu em Angra do Heroísmo, é ensaísta e professor catedrático na Universidade de Coimbra, onde leciona Literatura Portuguesa, Estudos Queirosianos e Teoria da Literatura. Especialista na obra de Eça de Queirós, lecionou como professor convidado em várias universidades estrangeiras. Foi diretor da Biblioteca Nacional de Portugal e reitor da Universidade Aberta. É responsável pela coordenação da *Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós* e do projeto da Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa, em publicação na Imprensa Nacional. Recebeu diversos prémios e distinções, incluindo o Prémio Eduardo Lourenço atribuído pelo Centro de Estudos Ibéricos da Guarda, em 2019; e o Prémio Literário Vergílio Ferreira, em 2020.

★Entrevista a Paulo Silva, 20-4-2013

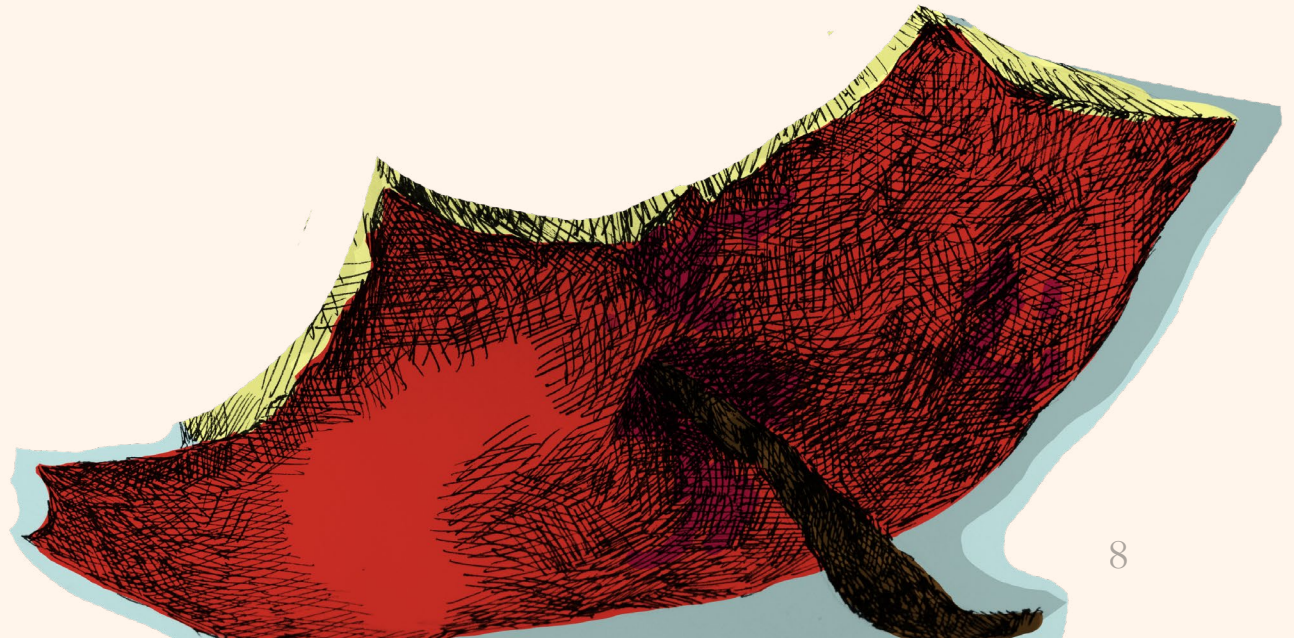
<https://core.ac.uk/download/pdf/229912892.pdf>

Amor louco

Sinto as farpas mentais obsessivas
paranoias construtoras da perfeição
mas não é tudo o que resta da sensibilidade
da beleza escultórica graciosa, divinal

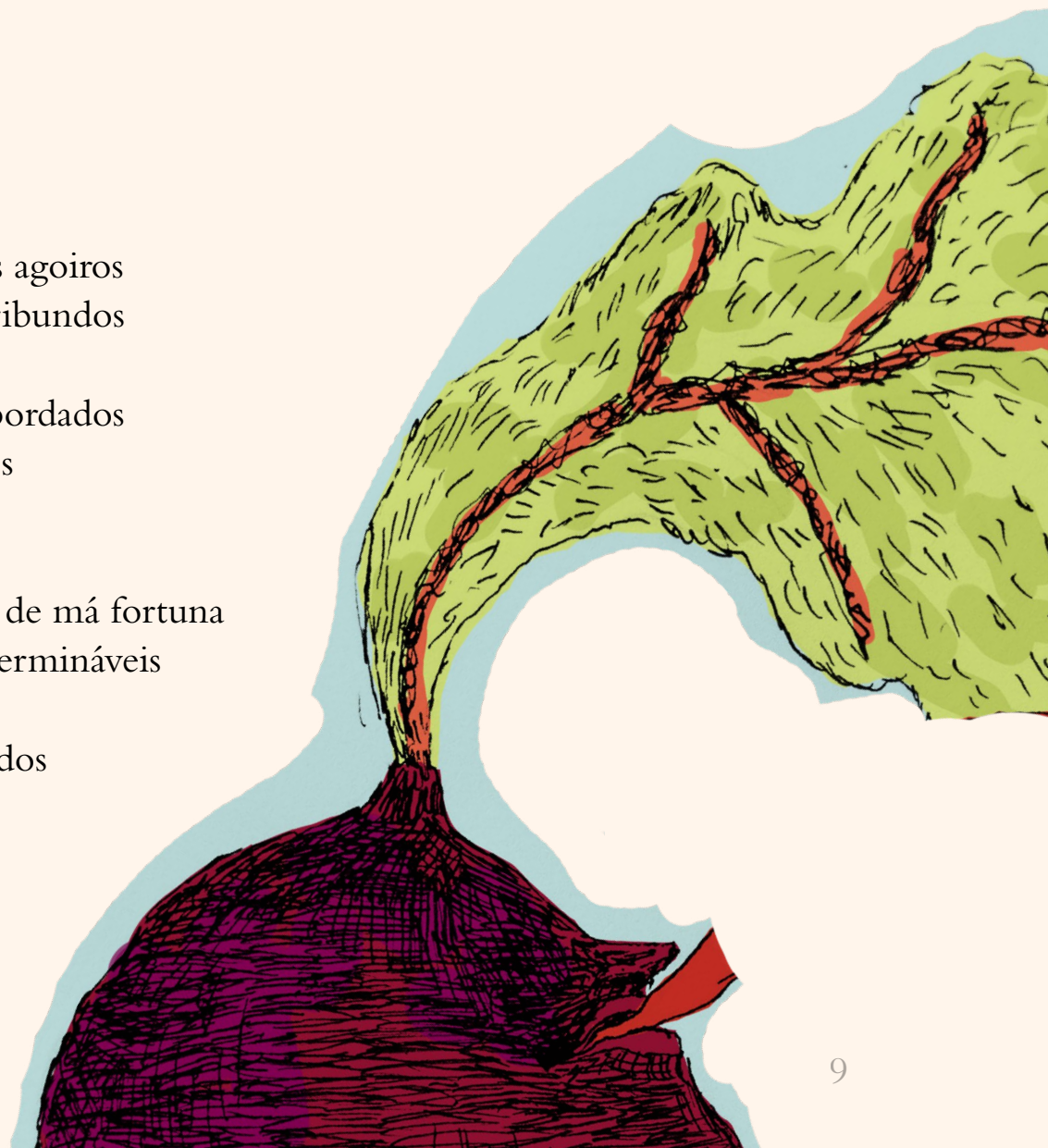
é cobrir, vestir, mascarar todo o desespero
fingir uma sincronização, um destino
impulso do amor mais que louco
escondido num autocontrolo casto

Não sei que falta justifica o sofrimento
ainda que, feliz pelo sentimento de pureza,
o desejo de conhecer e ascender sapiente
sabe que, ainda assim, o amor é a resposta



Escuras são as sobras da epidemia

Viscosas são as esquinas da miséria escuras são as sobras da epidemia
Por entre os telhados feitos de buracos e túmulos
Lançam-se armadilhas e fantasmas prefiro que te lances às águas
Sujas e gélidas, as roupas do avesso como quem espanta a morte e os maus agoiros
À distância as muralhas imponentes separam as tropas e os deuses dos moribundos
Adiantará tão pouco o teu desprezo na imundície
A peregrinação aos lugares santos e as relíquias escondidas entre os bordados
Lavadas com sabões artesanais fico com os teus brincos e teus segredos
E sob a sombra da cruz confesso o meu desencanto
E ferem-se entre as pernas escancaradas as mulheres feitas vadias à força
E em surdina a terra apodrece contagiada, tantos são os mortos de peste e de má fortuna
Territórios de parasitas onde os anjos demónios se fazem nas fogueiras intermináveis
Desfazem-se as paredes e as alcovas e as ideias e as formas do prazer
Do alto da torre da catedral de pedra e cal sustentam-se os olhares impávidos
Das gárgulas de asas elevadas adivinhando o futuro
Repetindo os versos de longas epopeias de desgraça e purgatórios
As cores da pele vendem-se ao som de correntes e grilhetas
Cada moeda tilintando em qualquer calçada lamacenta



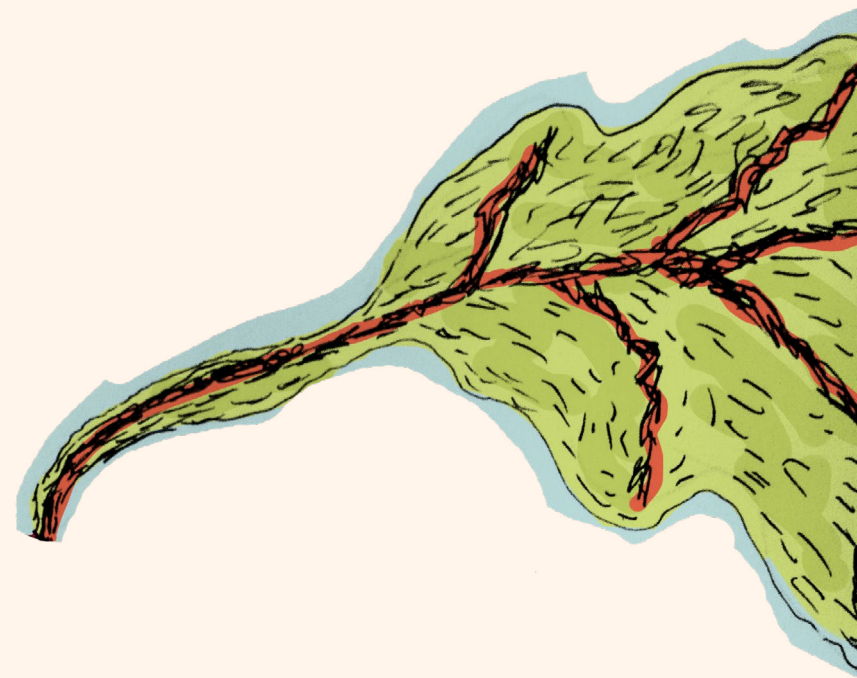
Esconde a derradeira história
A vida hesitante e fugidia
Por detrás de uma máscara...



Roda de samba

Quando pequeno
eu ouvia Cartola
mas os coelhos
não tocavam lá muita coisa
Jorge, meu bem Jor
foi maravilha de filho, cheio de energia
Barbosa
perdeu o trem das onze
Álvaro levou tiro
morreu de olhos bem abertos
Quando a Cássia chegar
troquem de estação!
Entrei no bar e lá estava Nelson
àquela mesa
Tom e Regina
bebendo as águas de março
Raul seguia tentando outra vez
mas não era tolo

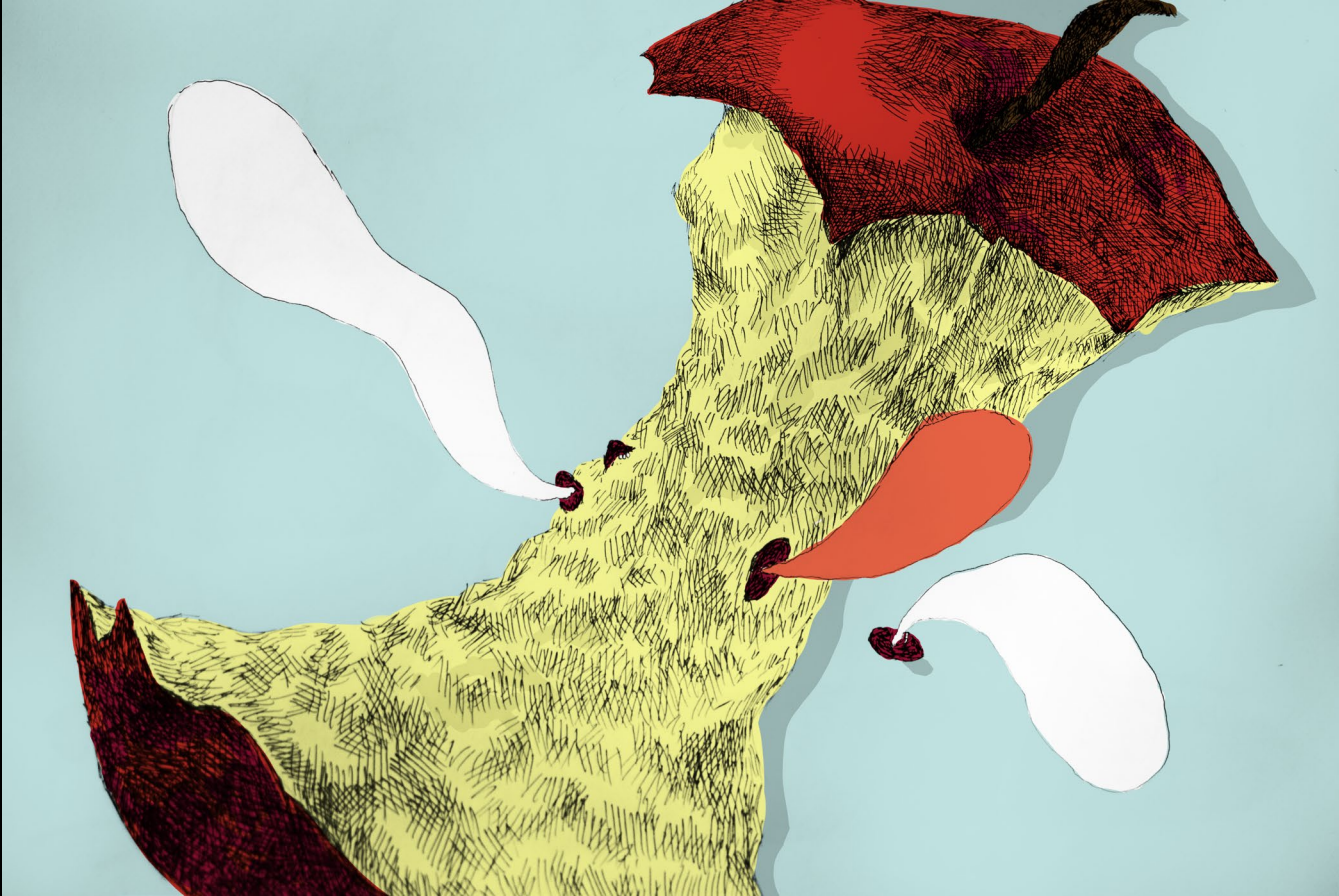
Martinho estava na Vila
com suas mulheres
e Bethânia
não mexam com ela
estão brincando de viver
Pobre Vinícius
amou demais
se não tivesse o amor, teria o sofrer.
Para sorte de Toquinho
fazia tarde em Itapuã
mas não sabemos onde está você
Se as rosas falassem
provavelmente diriam que o mundo
é um moinho
Eu diria que é pedra
mas chegamos ao fim do caminho
não o deixe morrer
nem acabar



Tim Maia, ao contrário do que pensam
não terminou em 2012
mas infelizmente
teve de partir
Já eu... preciso me encontrar

Arthur Döhler

A escolha de Eduardo Souto de Moura



Em entrevista, afirmou: «quanto mais local, mais universal».★

Eduardo Souto de Moura frequentou Arquitetura na Escola Superior de Belas Artes do Porto e na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, onde também foi professor. Colaborou com Álvaro Siza Vieira, ainda nos tempos de estudante, e ensinou em diversas universidades europeias. Confessa-se influenciado por arquitetos que admira, como Mies Van der Rohe e Aldo Rossi, mas também por outros criadores e pensadores, como Bernardo Soares, Roland Barthes, Antoni Tapiès e Joseph Beuys. Assinou inúmeros projetos em Portugal e no estrangeiro, como a Casa do Cinema de Manoel de Oliveira, no Porto, e a Ponte dell'Academia, em Veneza. Recebeu múltiplos prémios, incluindo o Prémio Pritzker de Arquitetura, o maior galardão na área da arquitetura, em 2011; o Leão de Ouro da Bienal de Arquitetura de Veneza, em 2018; e o Prémio Pessoa, em 1998.

★Ípsilon, 25 de fevereiro de 2018

Os inúteis

Guardo coisas inúteis:
uma caneta de ouro
uma gargalhada
uma gravata
papelada

Sinto-me tão inútil
como as coisas que guardo

Guardo coisas que nunca usarei
coisas de que nunca precisarei
coisas que não me fazem falta

E na inutilidade do amontoado
do que vai guardado
ficam memórias, angústias, saudades
todos os sorrisos e os cabelos ao vento
de uma liberdade



A escolha de Manuela Avezedo

Em entrevista afirmou: «Nós não cantamos em português por uma questão de militância, é mesmo porque é o que faz sentido. É uma aventura de coisas novas que se podem fazer que não tem fim».*

A cantora Manuela Azevedo nasceu em Vila do Conde e é vocalista dos Clã. Concluiu o Curso Geral de Piano e licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, mas dedicou-se exclusivamente à música a partir de 1992, quando foi convidada a integrar os Clã por Hélder Gonçalves, diretor musical da banda, e pai da filha de ambos. Participou em inúmeros projetos musicais de grande sucesso, como *Humanos*, *Deixem o Pimba em Paz* e *Caríssimas Canções*. Participou também em diversos espetáculos de teatro, e envolve-se frequentemente em projetos artísticos socialmente empenhados.

*Rádio Comercial, 30 de junho 2020



A dor de um poema

E mesmo sabendo que dói
escrevo
Na tempestade magnética da folha em branco
afogado nas palavras
E que galeria é esta
de memórias retorcidas?
De pragas e mezinhas amontoadas
na vetustez do pensamento
de um futuro improvisado
e impensado?
Nem digo o que penso
nem o que não penso
Apenas flutuo na palavra!

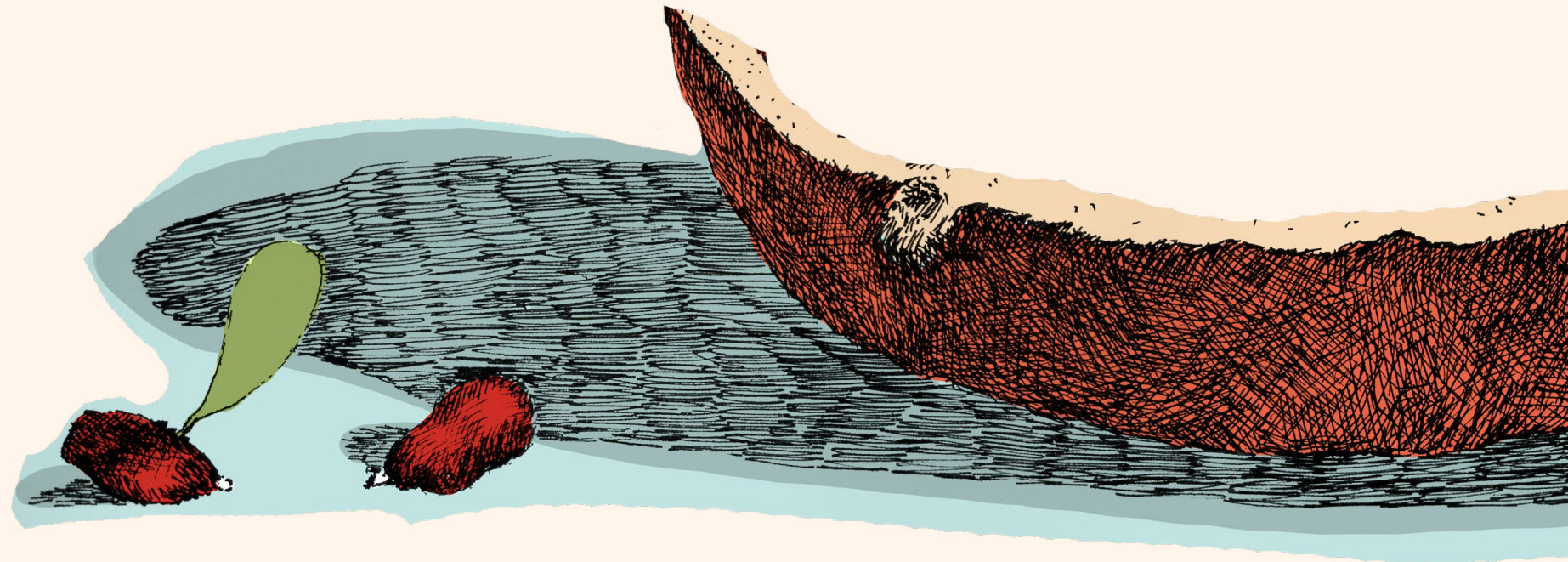


Desperdícios

Dois ou três textos mais ou menos poéticos me escapam por dia.

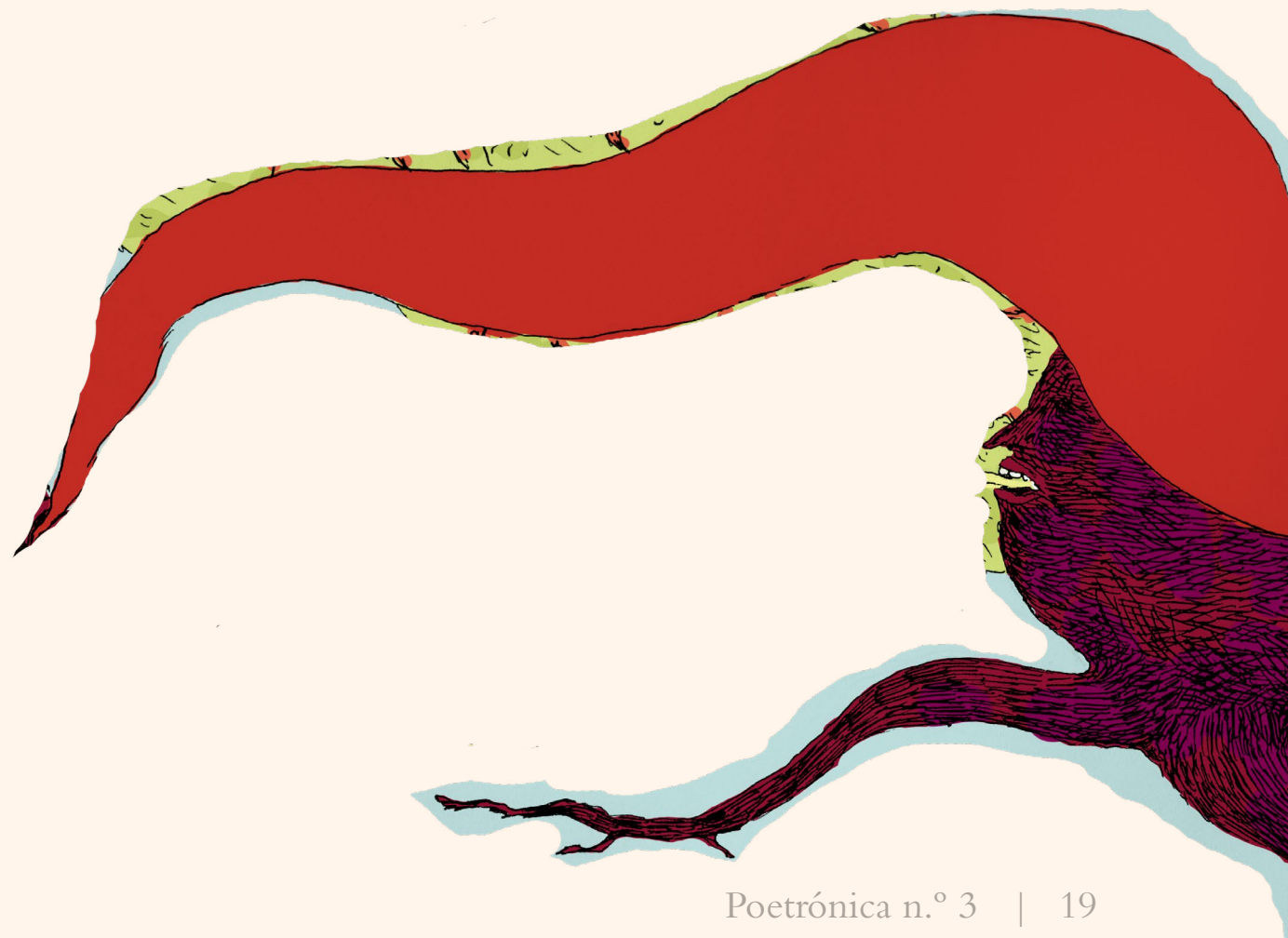
Como esse, que eu ia escrever agora, sobre uma garça que, toda ela pernas e bicos, tentava fisgar o peixe na lagoa rasa, sob o sol severo e imóvel das quatro horas serenas da tarde.

A luz do sol refletiu na água, iluminou a garça, confundiu o peixe e atingiu a janela do ônibus que fazia a curva, deixando peixe e garça e poema pra trás.

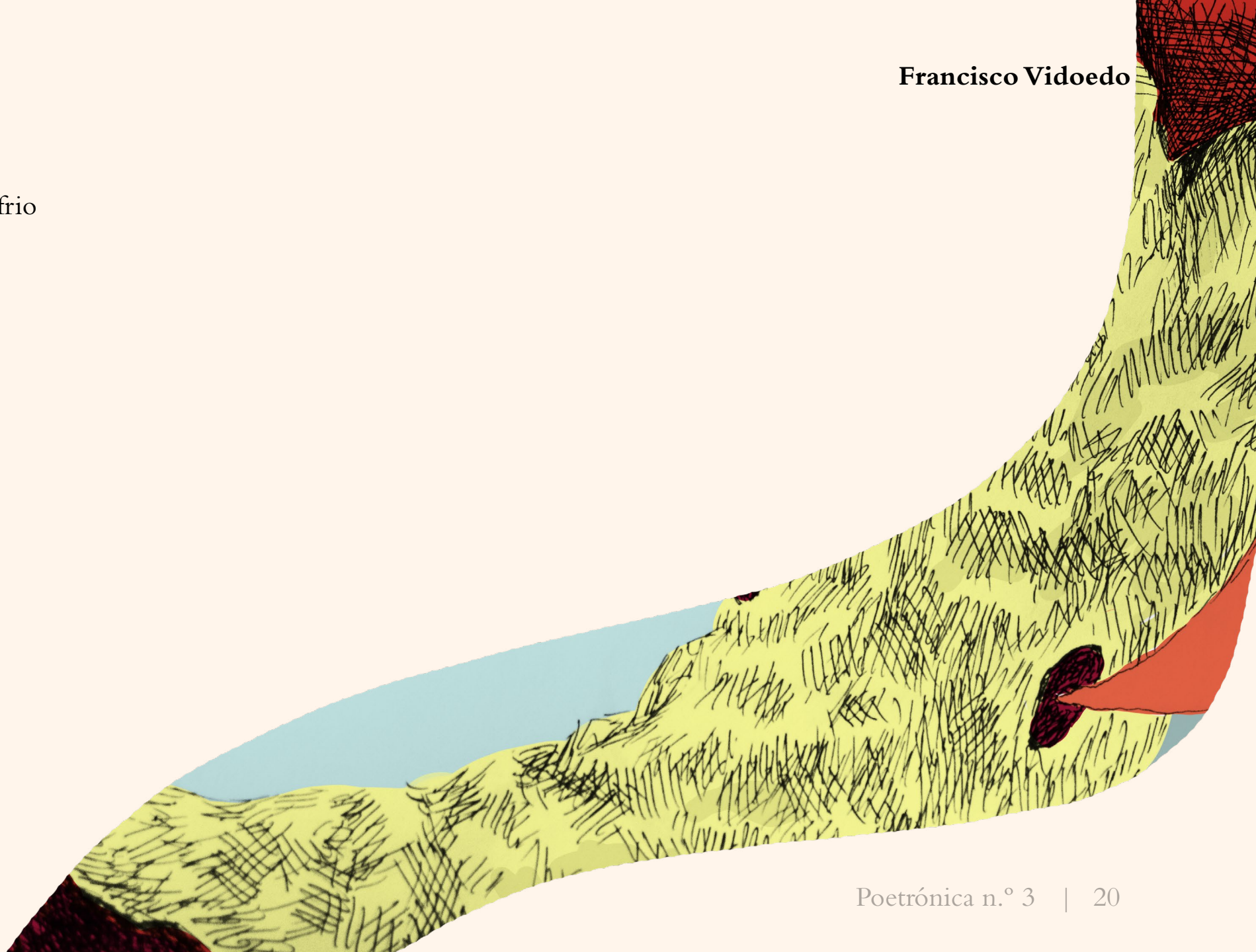


Poema triste

Que o poema seja triste
que seja amargo
Que seja feio
que seja fezes e entranhas
Que seja mártir
que seja agonia
vômito alucinado
Que seja solidão desgovernada
que seja fogo árduo
e gelo tenaz
Que seja silêncio arrependido
grito abafado
Que seja fim do mundo
fim de estrada
Que seja o tudo ou nada
Que seja noite sem madrugada
Que seja ruga cerrada
cicatriz adiada



Que seja nojo
azia e fastio
Que seja pobre e morto de frio
Que seja sangue vadio
Que seja fome esganada
Que seja chuva ateadada
Que seja seca
ferrugem de mim
Porque quando ele acabar
estarei livre de tão leve



A escolha de Paula Rego



Em entrevista afirmou «Nós, portugueses, temos uma tradição extraordinária de contos tradicionais. Os nossos contos não são lamechas».*

A pintora Paula Rego nasceu em Lisboa, estudou na St. Julian's School, em Carcavelos, e na Slade School of Fine Art, em Londres, onde conheceu o marido e pai dos três filhos, Victor Willing, também artista plástico. Recebeu inúmeros prémios e distinções, incluindo a Medalha de Mérito Cultural, pelo Governo Português, e a nomeação como Dame Commander of the Order of the British Empire, pela Rainha Isabel II, do Reino Unido. Recebeu múltiplos títulos *honoris causa* por universidades do Reino Unido, americanas e portuguesas, incluindo Oxford, Cambridge e Lisboa. A Casa das Histórias Paula Rego, um museu dedicado à vida e obra de Paula Rego e Victor Willing, com projeto arquitetónico de Eduardo Souto de Moura, foi inaugurada em 2009, em Cascais. Paula Rego vive em Londres, mas expôs por todo o mundo.

**Revista Sábado*, 13 novembro, 2016.

Andam faunos pelos bosques

...andam faunos pelos bosques
bichos de aspeto chifrudo
corpos nus desenfreados
de medos esfarrapados
misto de carne e de cornos
de olhar luxuriante
desenhado entre dois mundos
de um lado a voz da doçura
(a candura virginal)
do outro a força animal
desejo da alma impura...

das profundezas do tempo
entre a cruz e a paixão
no chão se tece a armadilha
novelo feito rodilha
num grito de violação...

e a noite esconde o pecado
ou a eterna sedução
o monstro cresce a teu lado
em labirinto velado
por egrégia absolvição...

(a partir da obra de Aquilino Ribeiro *Andam Faunos pelos Bosques*)



Notas biográficas

Arthur Döhler nasceu em Volta Redonda, Rio de Janeiro, Brasil, onde mora, há 23 anos. Estuda Letras, é tradutor e professor de inglês.

Carlos Almeida nasceu em Lisboa há 60 anos. É licenciado em História pela Universidade do Porto. Vive atualmente em Viseu onde é professor, animador cultural e dirigente associativo.

Carlos Arinto nasceu em Linhares, Celavisa, há 69 anos. É aposentado e reside na Amadora.

Denis Leandro nasceu em Belo Horizonte, Brasil, onde reside e trabalha como professor universitário e escritor. É licenciado em Letras e Doutor em Estudos Literários.

Francisco Vidoedo nasceu em Mirandela, Alvites, há 39 anos. É licenciado em Solicitadoria e reside atualmente em Bragança. Exerce a profissão de Agente de Execução.

Vanessa Bastos nasceu há 29 anos no Seixal, onde ainda reside. É licenciada em Estudos Comparatistas e continua a estudar.

Arcangela Dicesare nasceu em Foggia, Itália, há 24 anos. É licenciada em Pintura pela Academia de Belas-Artes de Veneza. Vive atualmente em Bolonha, onde estuda Ilustração.



Poemas de

Arthur Döhler
Carlos Almeida
Carlos Arinto
Denis Leandro
Francisco Vidoedo
Vanessa Bastos

Seleção de

Carlos Reis
Eduardo Souto de Moura
Manuela Avezedo
Paula Rego

Ilustrações de

Arcangela Dicesare

Edição de

Ângela Correia
Andresa Fresta Marques
Carlotta Defenu
Catarina Coelho
Flávia Pereira

Paginação de

Carlotta Defenu

Poetrónica

